

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

CORRELAÇÃO ENTRE RELAÇÕES AFETUOSAS NA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA E CRENÇAS REFERENTES A COMPORTAMENTOS VIOLENTOS

Isabella Fernanda Rodrigues da Silva¹ & Ana Maria Moser¹

¹Brasil

Arnett em 1997 apresentou uma nova etapa do desenvolvimento humano que ficou conhecida como a adultez emergente e ocorre entre os 18 aos 25 anos. Para o autor, esse período é caracterizado pelo processo de desenvolvimento da adolescência e da adultez, sendo marcado principalmente pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo sentimento de estar entre duas fases e pelo pensamento de que existem diversas possibilidades a serem exploradas (Monteiro et al., 2009).

É nesta fase que surgem as relações amorosas e com esta muitas vezes a violência nas relações de namoro que pode ser entendida como qualquer tentativa física, psicológica ou sexual, com o intuito de controlar o outro parceiro, podendo comprometer sua integridade (Caridade et al., 2006).

Os fatores de risco para a violência no namoro salienta a crença de que a violência no relacionamento é aceitável; depressão; ansiedade e sintomas ligados à agressividade; o uso de substâncias ilícitas; ter atividade sexual precoce; ter amigos que vivenciam violência nos relacionamentos amorosos; presenciar violência intrafamiliar e doméstica e não saber manejar a raiva e ciúmes (*Center for Disease Control and Prevention*, 200). Estes jovens podem estar vulneráveis por muitas razões, mas principalmente por imaturidade psicoeducacional e busca de independência (Nascimento et al., 2018).

O abuso íntimo sofrido e perpetrado por jovens nas relações de namoro podem provocar alterações importantes no seu desenvolvimento. Existe uma correlação positiva entre ser vítima dessa violência e consequências negativas sendo elas comportamentais, emocionais e de saúde mental. Além, das consequências em longo prazo, como: consumo de

substâncias, depressão, ansiedade, stress pós-traumático, baixo desempenho acadêmico, ideação suicida, comportamentos antissociais, entre outras (Caridade et al., 2006).

Skinner (2003) afirma que a autoestima é o senso de valor que o indivíduo tem de si próprio, ou seja, é um sentimento relacionado a si mesmo, o indivíduo tem seus comportamentos reforçados positivamente e é consequência das relações interpessoais em que a pessoa também é reconhecida pelo outro como reforçadora.

Para Mosquera e Stobaus (2006), uma autoestima positiva é ter segurança e confiança de si mesmo; reconhecer as próprias qualidades; não se considerar superior ou inferior aos outros; saber estabelecer relações saudáveis; etc. Já uma autoestima negativa favorecem o egoísmo e tende a deixar as pessoas mais dependentes do outro, prejudicando as relações interpessoais.

As vítimas de violência conjugal tem maior probabilidade de ter uma autopercepção desvalorizada, falta de esperança, sentimento de impotência, levando como consequência a se colocarem como pessoas sem direito e poder, podendo também apresentar problemas no desenvolvimento da intimidade e sexualidade (Paiva; Pimentel & Moura, 2017).

Paiva, Pimentel e Moura (2017) salientam que estudos mais antigos nas ciências sociais e psicológicas relatam que a baixa autoestima e sentimentos de inadequação ou frustração como características relevantes na maioria dos agressores.

Portanto, este estudo salienta o reconhecimento da violência baseada nas crenças e atitudes que legitimam e justificam as condutas violentas, baseadas em construções culturais e sociais, como a autoestima. Assim, tem como objetivo principal correlacionar a autoestima com as crenças e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em estudantes universitários.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de caráter quantitativo de características descritivas-correlacionais.

Participantes

Participaram da coleta de dados 35 acadêmicos do curso noturno de Engenharia Mecânica matriculados no 8º período e 26 acadêmicos do curso de Psicologia noturno matriculados no 4º período, na faixa etária de 18 a 34 anos.

Material

Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (E.C.V.C). Esta escala mede o grau de tolerância e/ou aceitação do sujeito quanto à violência conjugal (física ou psicológica) (Matos, Machado, & Gonçalves, 2000). Valores mais elevados representam uma maior legitimação das crenças e atitudes sobre violência conjugal; a soma de cada fator permite perceber o perfil de crenças e atitudes próprias deste tipo de violência. É constituída por 25 itens apresentados com uma escala de resposta de 5 pontos (1=discordo totalmente, até 5=concordo totalmente).

Escala de Autoestima de Rosenberg (1979) adaptada por Hutz (2000). É constituída por dez afirmações relacionadas a um conjunto de sentimentos de autoestima e autoaceitação que avalia a autoestima global. Os itens são respondidos em uma escala do tipo Likert de quatro pontos, revezando entre concordo totalmente, discordo e discordo totalmente.

Procedimento

Após a submissão e autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Paraná da Escola de Ciências da Vida. Foi solicitada a autorização aos coordenadores dos cursos de Engenharia Mecânica e Psicologia de uma universidade particular da cidade de Curitiba, sendo agendada uma data para coleta de dados. Aos participantes foi fornecido informações a respeito do objetivo deste projeto. Em seguida, foram entregues os TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido), para que dessa forma pudessem participar da pesquisa, sendo necessário que assinassem duas vias. O questionário foi administrado de forma coletiva em sala de aula, no entanto as respostas foram coletadas individualmente, tendo duração de aproximadamente 20 minutos. A participação na pesquisa foi de caráter voluntário e sendo garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados.

Os dados foram analisados por meio do pacote estatístico SPSS 2.0. Verificou-se a porcentagem de respostas relativas discordância/concordância com a violência nos dois grupos, em seguida foram verificadas as médias e desvio padrão dos fatores da ECVC e do Inventário de Autoestima. Além disso, foi feita a verificação da diferença entre as médias da autoestima nos dois grupos e por fim foi realizada a correlação entre a autoestima e as crenças legitimadoras da violência.

RESULTADOS

A pesquisa foi realizada em dois dias, no primeiro dia foi realizado com o curso de Engenharia Mecânica e teve duração total de 20 minutos. Já no segundo dia foi realizado com o curso de Psicologia e teve duração total de 10 minutos. Devido ao fato de dois acadêmicos do curso de Engenharia e dois do curso de Psicologia terem deixado uma questão sem responder, foram anuladas essas participações. Portanto a amostra para o grupo I (curso de Engenharia) foi de 33 participantes efetivos, e para o grupo II (curso de Psicologia) foi de 24 participantes efetivos.

A Tabela 1 é referente à porcentagem de estudantes dos dois grupos que concordam ou discordam das crenças que legitimam a violência. Analisando os resultados pela porcentagem do somatório dos itens, foi verificado que no geral os estudantes dos grupos I e II são em sua maioria discordantes com as crenças legitimadoras da violência.

Tabela 1

Porcentagem de estudantes dos grupos I e II relativos à discordância/concordância na Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal

ECVC	Grupo I	Grupo II
	Resultado	Resultado
Discordo totalmente:	64%	84%
Discordo:	25%	12%
Nem discordo nem concordo:	7%	3%
Concordo:	3%	1%
Concordo totalmente:	1%	0%

A Tabela 2 mostra as médias por fator da ECVC. São médias dos fatores legitimação e banalização da pequena violência (fator 1), legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas (fator 2), legitimação da violência pela conduta da mulher (fator 3) e legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar (fator 4), mostram perfil de crenças e atitudes próprias deste tipo de violência. O pelo fator 1 tem a maior média nos dois grupos.

Tabela 2

Média por fator da Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal no grupos I e II

	ECVC	N	Média	DP	Mín	Máx
Grupo I	Fator 1	33	21.2	4	16	29
	Fator 2	33	14.3	2.8	10	19
	Fator 3	33	15.7	3.5	8	22
	Fator 4	33	10	2.7	6	17
	Total	33	38.5	7.2	25	53
Grupo II	Fator 1	24	17.5	2.2	16	24
	Fator 2	24	11.6	2.5	10	18
	Fator 3	24	11.3	2.5	8	16
	Fator 4	24	7.6	1.7	6	12
	Total	24	30.1	4	25	42

Foi identificado que para os dois grupos existem diferenças significativas entre os fatores 1 e 4, pois o valor de p foi 0.000 ou seja foi menor que 0.05 mostrando que há diferenças nesses fatores. No entanto para os fatores 2 e 3 não existem diferenças, apenas diante dos outros fatores. Isso mostra que além da banalização da pequena violência, alguns destes estudantes também acreditam nas crenças referentes à justificativa da violência pela conduta da mulher e pela preservação da privacidade familiar.

Tabela 3

Diferença entre as médias no Inventário de Autoestima nos Grupos I e II

	Soma dos quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig
Entre grupos	46.895	1	46.895	1.448	0.234
Nos grupos	1781.140	55	32.384		
Total	1828.035	56			

Foi verificado que os dois grupos tiveram médias de: grupo I 29.2 e o grupo II 27.4.

É possível considerar que esses estudantes tem no geral uma autoestima média.

A Tabela 4 contem os dados obtidos entre a correlação da Autoestima e as Crenças que legitimam a violência no grupo da Engenharia (grupo I) e o grupo da Psicologia (grupo II).

Tabela 4

Correlação entre a Autoestima e as Crenças legitimadoras da violência no grupo I e II respectivamente

			Autoestima	ECVC
Grupo I	Autoestima	Correlação de Pearson	1	-0.011
		Sig. (2 extremidades)		0.951
		N	33	33
	ECVC	Correlação de Pearson	-0.011	1
Sig. (2 extremidades)		0.951		
	N	33	33	
Grupo II	Autoestima	Correlação de Pearson	1	-.496
		Sig. (2 extremidades)		0.014
		N	24	24
	ECVC	Correlação de Pearson	-.496	1
Sig. (2 extremidades)		0.014		
	N	24	24	

No que se refere à correlação entre à autoestima e as crenças legitimadoras da violência nas relações amorosas de universitários. Sendo verificado que no grupo I (Tabela 4) existe correlação entre a autoestima e as crenças que legitimam a violência, sendo ela inversamente proporcional.

DISCUSSÃO

Mesmo que grande parte dos estudantes discorde das crenças relativas à violência, como mostra na Tabela 1 é importante estar atento à pequena parcela que concorda e relativiza isto. Segundo Mendes (2009), isso pode se referir a indiferença por parte dos estudantes diante à violência conjugal

ou em algumas situações considerarem discutível o uso desta. Apesar da baixa porcentagem de respostas no item “concordo”, grupo I 3% e grupo II 1% e no item “concordo totalmente” grupo I 1% e grupo II 0%, para Mendes e Claudio (2010), esses valores não devem ser menosprezados, pois evidencia que ainda existe jovens que justificam a violência com base nas crenças o que leva a sua perpetração, bem como maior tolerância desse ato.

Em relação às crenças equivocadas acerca da violência conjugal, apresentada na Tabela 2, estas propiciam a tolerância da mesma, podendo ser pela banalização da pequena violência, (por exemplo, o ciúme confundido com atos de amor), pela atribuição a causas externas (uso de álcool) ou pela conduta da mulher (quando fazem algo que o marido não gosta), conseqüentemente tem-se maior aceitação desses atos de violência (Mendes, 2009).

Além do mais, estas crenças podem ser justificadas pelo machismo que legitima o poder do homem de controlar a mulher que ainda prevalece nos relacionamentos atuais (Souza & Sabine, 2015). Para Lins (2012), citado pelas mesmas autoras, o amor vem de construções sociais, assim a maneira de se expressar e o afeto muda conforme a época e é influenciado por diversos aspectos sociais. Nos dias atuais, ainda existe a falsa crença de que o amor não é real quando não é explosivo e obsessivo, ocorrendo também à desconfiança de que quando não há ciúmes em excesso não há afeto, sendo esses comportamentos vistos como cautela, preocupação e cuidado.

A respeito da autoestima nos dois grupos, foi visto que esses estudantes apresentam uma autoestima média. Segundo Branden (2001), a autoestima média indica variação entre se sentir adequado ou inadequado como pessoa, isso é manifestado no comportamento do indivíduo, o que acaba reforçando a incerteza. Essa oscilação pode facilitar que esses universitários entrem em relacionamentos abusivos e acabem sofrendo diferentes tipos de violência.

A autoestima média presente nesses estudantes universitários que se mostram mais tolerantes a violência nas relações amorosas, pode ser entendida como uma pseudo autoestima, ou seja, Mruck (1998) afirma que indivíduos que apresentam essa pseudo autoestima demonstram deficiência no merecimento, assim como distorções na percepção e na conduta, necessitando constantemente mostrar o seu valor aos outros.

Dessa forma, esses indivíduos podem estar mais suscetíveis a entrar em relacionamentos em que acabem sofrendo de violências físicas, psicológicas e morais.

Mosquera e Stobaus (2006) afirmam que uma autoestima boa tende a deixar as pessoas mais positivas, livres de tensões e frustrações. Sendo assim, pessoas que tem boa autoestima podem entrar em relacionamentos abusivos, mas conseguem perceber mais facilmente e sair.

Para Freitas e Mota (2015), a qualidade das relações amorosas coincide com a qualidade da autoestima, pois jovens que são confiantes e seguros, apresentam melhor qualidade nas relações amorosas. Já as pessoas que apresentam baixa autoestima tem maior aceitação em continuar em uma relação abusiva (Félix, 2012).

Em relação ao grupo II não foi possível verificar essa relação, podendo ter havido problema na terceira variável, sendo ela *desejabilidade social*, assim como pelo conhecimento dos fenômenos psicológicos. Em alguns casos os indivíduos podem dar as respostas de acordo com o que consideram ser socialmente aceito, assim não é possível verificar se no cotidiano esses estudantes agem efetivamente de acordo com o que responderam. No entanto, é visto que os estudantes de Psicologia adquirem certa sensibilização para as questões da violência doméstica durante sua formação, visto que existe um espaço propício para esse tipo de discussão, enquanto que no curso de Engenharia não é disponibilizado um ambiente para discussões como essa (Mendes, 2009).

Os resultados obtidos nessa pesquisa se assemelham com os de Machado, Matos e Moreira (2003), em que os estudantes das ciências exatas (nesse caso Engenharia Mecânica), apresentam maior legitimação da violência do que os estudantes de Psicologia, podendo ser justificado pelo falta de discussões sobre esse assunto ao longo do curso.

Este estudo apresentou importantes resultados em relação à violência nas relações amorosas de universitários, mesmo que grande parte dos estudantes seja discordante da violência, é importante ficarmos atentos na pequena parcela que é complacente com esse tipo de violência. Foi visto um aumento da banalização da violência por parte dos jovens, podendo esta ser confundida por atos de amor.

Assim, esta pesquisa demonstrou que fatores pessoais, como a autoestima, tem relação com a legitimação das crenças sobre a violência, sendo isso verificado apenas nos estudantes de Engenharia, enquanto os

estudantes da Psicologia não foi possível comprovar essa correlação, pelo fenômeno da deseabilidade social.

Dessa forma, é possível afirmar que a informação a respeito da violência influencia nas crenças que legitimam a violência dos estudantes, sendo de extrema importância incluir esse assunto nos programas curriculares ou promover formações direcionadas para esta população como forma de intervenção, assim como a importância de estratégias de prevenção da violência nas relações íntimas juvenis, ou seja, proporcionando o empoderamento das potências vítimas diminuindo o abuso vivenciado pelos jovens pela conscientização sobre a violência nas relações de namoro.

REFERÊNCIAS

- Branden, N. (2001). *Auto-estima: Como aprender a gostar de si mesmo* (39ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Félix, D. S. D. S. (2012). *Crenças de legitimação da violência de gênero e efeitos de campanhas de prevenção: Um estudo exploratório* (Doctoral dissertation).
- Freitas, V., & Mota, C. P. (2015). Implicações da vinculação amorosa e suporte social na autoestima em jovens universitários. *Análise Psicológica*, 33(3), 303-315. doi: 10.14417/ap.863
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 10(1), 41-49.
- Lins, R. N. (2012). *O livro do amor* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Best Seller.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. M. (2008). *Manual da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) e do Inventário de Violência Conjugal (IVC)*. Braga: Psiquilibrios Edições.

- Mendes, E. R. B. (2009). *Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica* (Doctoral dissertation).
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adulthood emergent: On the border between adolescence and adulthood. *Revista Ambiente e Educação*, 2(1), 129-137.
- Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (2006). Auto-image, self-esteem and self-actualization: Quality of life in university. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7(1), 83-88.
- Mruck, C. (1998). *Auto-estima: Investigación, teoría y práctica*. Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Nascimento, O. C., Costa, M. C. O., Costa, A. M., & da Cunha, B. D. S. G. (2018). Violência no percurso amoroso e saúde mental de adolescentes-jovens: Revisão Integrativa. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*, 8(1), 30-38. doi: 10.13102/rsdauefs.v8.3505
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227.
- Santos, A. P., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (des) Ajustamento psicossocial e estratégias de coping. *Contextos Clínicos*, 12(1), 2-25. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.01>
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (Vol. 10). São Paulo: Martins Fontes.
- Souza, T. M. C., & Sabini, K. (2015). Mas o que é o amor? Representações sociais em mulheres em contexto de violência doméstica. *Perspectivas em Psicologia*, 19(1).